

LUZIA

L. 34139 P.

LIÇÕES DA VIDA

Impressões e Comentários



N. L.

139

LIVRARIA PORTUGÁLIA
LISBOA

do.

341392.

16
341392.

LIÇÕES DA VIDA
IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

DA AUTORA

OS QUE SE DIVERTEM
RINDO E CHORANDO (esgotado)
CARTAS DO CAMPO E DA CIDADE
CARTAS DE UMA VAGABUNDA
SÓBRE A VIDA... SÓBRE A MORTE...
ALMAS E TERRAS ONDE EU PASSEI (esg.)
ÚLTIMA ROSA DE VERÃO

Em preparação :

DIAS QUE JÁ LÁ VÃO...

LUZIA

L. 34139 P.



LIÇÕES DA VIDA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

R. 147171



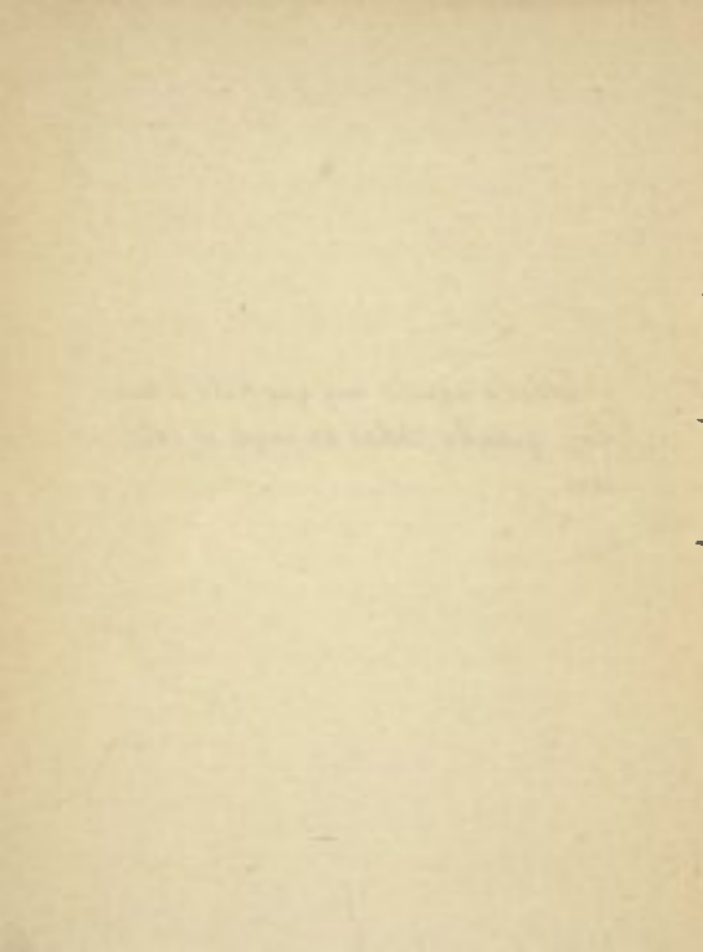
LIVRARIA PORTUGÁLIA
LISBOA



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

1912

Deus é aquela voz que fala à tua dor, quando tôdas as vozes se calaram.



Au ciel on retrouve tout jusqu'au passé, disse Lacordaire. Palavras de suprema consolação, que confirmam a minha radiosa certeza de que nada se perde. Encontraremos, perfeito, completo, tudo o que tão imperfeita e incompletamente amámos na terra, desde a paisagem, que fêz o nosso curto encanto, até o coração, em que pusemos a nossa trémula esperança. Semeamos no efémero, no passageiro, para recolhermos naquele jardim onde as flores não morrerão jamais, e imutáveis serão os corações, como eterno será o amor...

Não precisas da eternidade. Basta-te,
contenta-te, a efémera vida da terra.
Donde vem, então, a pena que sentes,
quando te morre um sonho, quando vês
esfolhar-se uma rosa?

A bondade consiste em tantas coisas — pequeninas e grandes! A bondade é imensa, infinita como o amor, mas consiste, sobretudo, em saber dizer a palavra que consola e calar a palavra que faz mal.

Ainda que tenhas a doença mais grave, pior, ocupa-te de tudo o que pertence ao domínio da vida, como se ela devesse durar sempre, e está pronto para a morte, como se no próprio minuto a visses chegar...

Rosas em botão que o temporal destruiu, lembram-me as almas feridas em plena mocidade, as almas que morrem, quando iam dar flor...

Não te preocupes com o incerto amanhã. Amanhã, como ontem, como hoje, está nas mãos de Deus. E em todos os dias da terra, os pássaros confiam no galho movediço onde poisam as asas.

Devemos esperar, esperar sempre, por tudo o que é possível e ainda mais por tudo que é impossível; esperar pelo prodígio, pelo milagre, pela sorte grande, pela cura do incurável, pela volta do que já passou, pela ressurreição do que já morreu; esperar contra tôda a esperança...

Foi-te concedida a Fé: essa luz da alma. Em vez de censurares, de condenares os que a não têm, procura guiá-los. Vives na grande claridade, — êles caminham, como cegos, às escuras.

Il faut pratiquer les petites vertus...
quando se não pode praticar as grandes. O francês é de Santa Teresa de Lisieux, meu o comentário, em português. E os sacrifícios são como as virtudes, mas parece-me que ainda costumam mais os pequeninos, os imperceptíveis, que os outros não vêem e em que mal se ousa achar merecimento.

Até mesmo praticada pelo maior peccador, a caridade vem de Deus e leva para Deus.

Quantas vezes dizemos: — Tenho todos os defeitos, menos... E aquêle a que se refere êsse menos, é quási sempre o nosso maior defeito.

Religião pèssimamente compreendida a que, sob o pretexto de rezar, afasta a mulher dos seus deveres quotidianos... E, minhas queridas Senhoras, não sou eu que o digo, é S. Francisco de Sales.

Os felizes julgam sempre que o são devido ao seu esforço, ao seu merecimento, e, se lhes contas as tuas penas, logo delas te atribuem tôda a culpa.

Se os papéis se inverteram — assim acontece tantas vezes na vida! — e o amigo que repeliu, com impaciência e frieza, a humilde queixa da tua desventura, vem, pela sua vez, pedir-te simpatia, compaixão, acolhe-o sem ressentimento. Não o desiludas, lembra-te do que sofreste quando, êle te desiludiu.

A felicidade não existe, mas algumas
almas privilegiadas sabem inventá-la.

Não tenhas tanta pressa de julgar, de condenar. O que sabes tu, o que sabemos nós, uns dos outros? Para lá das aparências — êsse maior dos enganos — o que vêem os olhos, o que percebe o coração?

Há certas almas — e Deus nos livre da sua aproximação! — para quem, o mínimo acto de tolerância, é mais difícil do que a prática de qualquer austera virtude.

«Fecha a tua porta». — O conselho é da *Imitação*. Refere-se, bem entendido, à porta da tua alma, que devias tornar uma inexpugnável fortaleza e, muitas vezes, transformas na praça pública, onde se debatem as paixões mais vis e se chocam os mais importunos ruídos...

Perdoar é mais doce, mais consolador do que ser perdoado, porque, muito menos do que o mal que nós fizemos, dói o mal que nos fizeram.

Incompreensão: cegueira da alma, a
pior cegueira.

Eu sempre invejei as crianças e os velhos. A vida tem, para êles, clemências, suavidades, que a pobre, inquieta mocidade ignora. Pena é que, depois de já não se ser novo, não se fique imediatamente velho. Há uma fase intermediária, que julgo a mais cruel e dolorosa de tôdas. Afinam-se as faculdades de sentir, quando já não há fôrça, nem desejo de sentir-se, sofre-se mais e sofre-se pior, sem aquela febre da juventude que, no próprio sofrimento, encontra prazer.

Oh! minhas irmãs, em vez de tão inúteis esforços, tão cruéis sacrifícios, para mascarar de mocidade, a nossa velhice, cultivemos o único encanto que nos resta, aquêle de que disse Colette: *le chic suprême de savoir décliner...*

Para os que sabem aceitá-la, a velhice é como um lago de águas mansas, em que descansa, enfim, o coração...

A *coquetterie*, que pode dar mais encanto à mocidade, faz da velhice uma caricatura.

Os anos trazem às mulheres feias
uma magnífica desforra: a de verem
envelhecer as que foram bonitas.

Na mocidade há a ânsia de dizer, diz-se tudo o que se sente e muito mais ainda. Depois... prefere-se guardar o tesouro precioso das sensações, não vá êle esgotar-se...

A simpatia é melhor do que a amizade, que tantas vezes nasce e vive do hábito, melhor do que o amor, que pode tornar-se uma grilheta... É o laço de sêda, que se ata e se desata sem fazer mal, o perfume da flor que se respirou e não se colheu, não se viu morrer...

O sorriso — bem entendido, não me refiro ao postiço, que a *coquetterie* ensaia defronte do espelho e renova como o vermelho dos beiços, mas àquêle que, semelhante à flor, nasce espontâneo, natural—é a suprema graça da mulher, a única que se prolonga para lá dos anos e impregna de suavidade o rosto mais devastado...

Acredita só metade do que dizem os que, por amizade, gôsto de dar prazer ou simples espírito de adulação, te lisongeiam.

E se queres que a medida de prudência seja completa, não acredites coisa alguma.

O que mais me desagrada — revolta, ia eu dizer — na parte do género humano a que, convencionalmente, se chama sociedade, é o espírito de... rebanho. Ninguém pensa pela sua cabeça, ninguém vê pelos seus olhos. Como os carneiros, o que um faz, todos fazem, para onde vai um, todos vão.

O coração vive de enganos e, por
mais que o desenganem, quer sempre
enganar-se...

Não confundas com o ciúme, que pode ser o resultado de um excesso de amor ou mesmo de amizade, a inveja, lepra da alma, que só no mal dos outros encontra prazer.

Gosta-se porque sim, e também porque... sim, deixa-se de gostar.

Nenhuma outra razão deve pedir-se à grande sem-razão do amor.

Numa conferência sôbre a freira portuguesa, Robert de Flers confessou o seu receio de que Mariana tivesse amado um imbecil. E acrescentou: — *Ce n'est pas à vrai dire, la seule fois que cela soit arrivé.* Realmente, em amor, os imbecis conhecem triunfos que os inteligentes jamais conseguiram atingir. Mariana seguiu, pois, a regra geral...

Gostam de ti, é muito...

Porém, se tu gostas, é infinitamente
mais...

O amor mais exigente é o que começa
por dizer: — Eu não peço nada...

Deixaram de gostar de ti no dia em
que te disseram: — Eu ainda gosto...

O amor próprio é o único que nos
acompanha até à morte.

Quantos amores que resistiram à
ausência, a presença matou!

Encantadora definição de um princípio de amor: *Quand il y eût un trouble et un silence entre eux, plus parfait que les paroles...* Foi Madame de Lafayette que a escreveu, e Rochefoucauld, certamente, que a inspirou. Mas eu não posso propô-la aos apaixonados de agora. Qual dêles se sente perturbado e prefere o silêncio mais perfeito, às palavras, de que tão furiosamente usa e... abusa?

Quantas vezes, para contentar a vaidade, deixa-se morrer à míngua o coração!

Antes de tudo sensíveis às aparências, as mulheres hão-de sempre preferir o medíocre elegantemente vestido, com boas maneiras e uso do mundo, ao génio que traz a gravata mal atada e não sabe onde há-de pôr as mãos...

Para justificar esta opinião, lembro-lhes que já René Fauchois atribuiu o pouco... nenhum sucesso de Beethoven, em matéria amorosa, ao péssimo estado da sua roupa branca.

O que muitas vezes se julga inconstância ou ingratidão, é apenas a dolorosa impossibilidade de sentir como outro queria que sentíssemos.

Único amor que a mulher não perdoa:
o que o homem não soube inspirar-lhe,
sentimento admiravelmente definido
por estas palavras de Paul Hervieu: —
Je lui en veux de ne pas l'aimer.

Que diferença entre o antigo e o actual amor! Em uma janela do primeiro, segundo, muitas vezes do terceiro andar, a Julieta de há trinta anos, contemplava o Romeu que, da rua, por todos os tempos e frequentemente vítima de um tortícolo, expandia, em têmos inflamados, a sua chama... Da janela descia e subia igualmente, por intermédio de um cordelinho, a terna missiva, em que, depois de muitos V. Ex.ª, se implorava e concedia o apaixonado *tu*... Isto durava meses, anos... Julieta era fiel, Romeu constante... Até que, autorizado a fazer o *pedido*, êle galgava, a quatro e quatro, o primeiro, segundo... terceiro andar e, entre palmeiras, enfeitadas de laços côm de rosa, ouvia de uns lábios, que ainda não era uso pintar, o doce, trémulo *sim*... Vinha depois o noivado, com o competente *chaperon*, para que mais

apetecido se tornasse o... *enfim sós!*
E ainda que fôsse infeliz o casamento
— porque, ai de nós! em todos os tem-
pos houve casamentos infelizes, — a
lua de mel prolongava-se suave, pregui-
çosa, sem pressa de acabar...

Passam-se num *dancing* ou num *bar*,
os modernos idílios. Romeu e Julieta
abancam defronte dos respectivos *cock-*
tails. Êle elogia-lhe o *Sex appeal*. Ela
acha-lhe piada. E tudo está dito. Du-
rante o noivado, encontram-se nos ci-
nemas, no *golf* e, para não haver sur-
prêsas desagradáveis, mostram-se, tal
e qual como são, por dentro e por fora,
nas praias — êsse campo de desilu-
sões... Casados, apressam quanto po-
dem a obrigatória viagem de núpcias;
em seguida, êle vai jogar a *loba* para o
Tauromáquico e ela o *mah jong* com as
amigas...

Os homens gostam de torturar e as mulheres de serem torturadas, porque nas lágrimas, nas penas que lhes infligem, vêem uma prova de amor. Daí a verdade destas profundas palavras que li — e nunca mais esqueci — em um romance francês: — *Est-ce qu'il ne m'aimerait pas assez pour me faire souffrir?*

Nenhuma declaração, promessa, juramento, contenta certas mulheres apaixonadas. Por mais que oiçam, queixam-se: — Ainda não disseste... — e perguntam: — Porque não dizes?...

A amizade entre um homem e uma mulher é o que há de mais difícil, de mais raro, porque a vaidade do homem nunca renuncia completamente ao que julga ser o seu direito de conquista, de posse e, por outro lado, a *coquetterie* da mulher, precisa certificar-se de que, se o amor... não existe, podia ter existido...

Andei de porta em porta, à procura do amor. Numa disseram-me: — Achou-se tão fora de moda que fugiu envergonhado. — Noutra: — Exilaram-no. Era bolchevista. — Noutra ainda: — Estava pobre. Nada lhe davam. Foi para longe mendigar. — E em tôdas, tôdas as portas: — Já há muito aqui não mora.

Oh! minha infância, sê bendita por
essa claridade transparente e pura
como a da manhã, que a tua lembrança
traz ainda à escuridão da minha
noite...

Tempo encantador das fadas e das bonecas, do jôgo das escondidas e dos quatro cantinhos, paraíso da infância que as actuais crianças desconhecem... Os meninos já nascem de calças e, mal acabam de engatinhar, pegam numa espingardinha, para brincar... à guerra— a arte de destruir.—Às meninas só um brinquedo apraz: a caixinha de tintas com que, imitando o que vêem fazer às mãis, besuntam a cara de tôdas as côres... — a arte de enganar.

A criança que, ao receber uma boneca, faz um trejeito de enfado, já anuncia a mulher que, com o mesmo enfado, acolherá um filho.

À semelhança dos dias, a vida passa numa azáfama. Para coisa alguma há tempo. Vive-se e morre-se a correr... Felizes as árvores que crescem lentamente, felizes os pássaros que cantam sem pressa!

Como te desculpasses com a mais absoluta falta de tempo, por não me teres acompanhado quando estive doente, procurei indagar a que numerosas e decerto cheias de utilidade, occupa-ções, consagravas os teus dias. Respondeste vagamente: — Não sei... Deitando-me a horas impossíveis, só tardíssimo posso levantar-me. Antes das três, nunca estou pronta para almoçar. Em seguida passo os olhos pelo *Diário de Notícias*, folheio a *Vogue* ou o *Fémina*. Depois... é a maçada dos pequenos, sempre a precisarem de alguma coisa, e as mestras, as criadas, que nada fazem, de nada se incumbem! Outra estafa e... a correr—não comece a seringaço do telefone — vou à costureira. Às cinco horas, tenho o *mah jong* — uma seca! Tôdas as parceiras tão desagradáveis, tão malcriadas, a desconfiarem da gente, como se alguém

se sujasse por meia dúzia de cobres!
Mas onde se há-de passar as tardes?

Ao jantar, porque esperou dez ou vinte minutos, o marido, com um humor de cão, sem compreender que o jôgo não se interrompe quando se quiere... Às dez, volto para a partida, com as melhores tenções de acabar à meia noite, e dão duas horas, ainda lá estou!... — Depois do que te conto, hás-de concordar que não me fica um segundo livre...

Eu convenho: — Realmente tens o tempo muito tomado, mas seria para a assim o empregares, que Deus te criou?

Respeita os mais velhos, tem para todos cortezia, amabilidade, fala correctamente, veste-te com decência, usa meias, põe o chapéu na cabeça, e nunca passarás de uma *possidónia*

Não respeites rei nem Roque, finge não conhecer os que te aborrecem — debes dizer... *chateiam* — exprime-te no mais puro calão, que a tua saia ultrapasse apenas a cintura, abstém-te do uso importuno das meias, traze o chapéu na mão, o cigarro na bôca, e serás uma perfeita mulher do mundo...

Penso, como Marcel Proust, que a lisonja pode ser uma manifestação de ternura, enquanto a demasiada franqueza vem quási sempre da má-vontade ou, pelo menos, do mau humor.

Não sejas para os outros como eles
são para ti, mas como querias que fô-
sem...

Acho muito mais nociva para as raparigas, a célebre biblioteca cônderosa, em que cada mulher é uma pérola, cada homem um cavaleiro *sans peur et sans reproche*, o amor piegas, fiel, eterno, e tudo acaba bem no melhor dos mundos possíveis, do que os livros, ditos imorais, onde, pelo menos, o mal não anda mascarado. Porém, nem uns, nem outros, elas devem ler: dêem-lhes os clássicos que lhes educam o gosto, os poetas que lhes abrem o mundo maravilhoso dos sonhos, os históricos que lhes ensinam a vida.

Há muito desapareceu do mundo o que Madame de Sévigné qualificava de *conversations infinies* e Maurois explica como a arte de falar de si, dos outros, de pequenas e grandes coisas, de tudo, de nada, sem affectação, com abandono e confiança...

Assim se conversava no tempo da espiritosa Marquesa e de Lafayette — a que tinha sempre razão. — Não havia monólogos. Todos sabiam responder e, antes de tudo, ouvir.

Consiste o que hoje se chama conversar, na reunião de numerosas pessoas, entre as quais apenas duas ou três (quando não é uma única), dizem, em ar e attitude de conferência, frases previamente estudadas, que só elas ouvem, com manifesta satisfação aliás, enquanto as outras, na impossibilidade de pronunciarem uma palavra, limitam-se a bocejar...

Há dores de que desejaríamos não nos separar jamais, dores que, ao perderem-se, deixam a alma em maior, mais profundo isolamento.

Certamente aprovo que te dediques às boas obras — pessoais ou colectivas, eu prefiro as primeiras — nada é mais útil e meritório, e só pensando nos outros, podes esquecer-te de ti. Porém, desejo que a essa caridade juntes outra, de igual valor: a de pouparees o teu próximo à descrição e comentários do bem que fizeres...

Celeste de Chateaubriand, senhora de muito espírito e notável perspicácia, escreveu, após a visita de uma virtuosa amiga que, durante horas, lhe impingiu a história detalhada de tôdas as suas esmolas, conselhos, auxílios, etc., etc., etc.: *Après les dames sans bonnes oeuvres, je ne connais rien de pire que les dames à bonnes oeuvres.*

Acho, pois, de tôda a conveniência, para ti e para os outros, que não justifiques igual opinião, junto às Celestes do teu tempo...

Agradece tudo o que te derem, mas não te julgues com direito a coisa alguma...

Os que só utilizam as flores para enfeitar as salas ou os vestidos, ignoram uma das mais profundas alegrias da terra: a de ver surgir, crescer, o botão, de que há-de desabrochar essa maravilha: uma rosa...

Este horrível tempo, a que convencionalmente se chama interessante, como é da praxe qualificar de estúpido o século XIX, que tão deliciosas coisas ainda conteve, perdeu em absoluto a medida das proporções. Para coisa alguma há meio termo, harmonia. Até cadeiras e mesas tornaram-se tão baixas que, se nas primeiras, uma senhora gôrda tem a veleidade de sentar-se, é como se caísse a um pôço, nunca mais se levanta... — Ai de mim! Sei-o por experiênciã... — Quanto às segundas, só de bruços — se me derem licença, direi mesmo de cócoras — podemos utilizá-las...

— Tenho milhões, mas devora-me uma imensa ambição, coisa alguma me dá gôsto, quero sempre mais, melhor... E nos que me rodeiam, sinto a mesma saciedade, a mesma desilusão. Se ainda há contentamento na terra, dize, onde posso encontrá-lo?

— Procura-o entre os pobres, que, como os pássaros, uma migalhinha satisfaz...

Pretendes que, no eterno combate da vida, o bem é sempre vencido pelo mal, a claridade submergida pelas trevas.

Se, para desmentir o teu negro pessimismo, não existissem tantos actos de heroísmo ou simples generosidade, bastaria que, da escuridão da noite, quotidianamente irrompêsse, linda, rósea, triunfal, a luz da madrugada.

Queixas-te incessantemente. Pela mínima contrariedade: um vestido não acaba, a criada partiu um *bibelot*, faltou o convite que esperavas... ergues os braços ao céu, exclamando: — Que mal faria eu a Deus?! — Porém, tantas alegrias, tantas venturas afluem ao teu caminho e nem uma só vez te ouvi dizer: — Louvado seja Deus...

Ainda que julgues de maior proveito
os teus conselhos, não procures impô-
-los a quem não quiser ouvi-los...

Na dor que o teu coração partilha
com outro coração, pode haver uma
certa doçura, mas que árido e triste é o
prazer, que mais ninguém sente con-
tigo!

«A minha felicidade consiste em ser humilde e pequena» — disse Santa Teresa de Lisieux. Por sua vez, a erva baixinha contou: O temporal abateu ao meu lado uma árvore secular e deixou-me intacta, viçosa, porque, tão escondida, rasteira à terra, eu vivo, que passou sem ver-me...

Mas ninguém lhes ouve a doce lição. Cada vez menos limites conhecem as ambições dos homens. Todos querem ser mais do que os outros, ir adiante, subir mais alto. O *réclame*, distintivo dêste horrível século, não tem mãos a medir... E com êle galopam os triunfais adjectivos: illustre, insigne, admirável, eminente... — que, aliás, longe estão de contentar alguém. Cada um os considera excessivos para os outros, insuficientes para si.

O coração a que falta a indulgência, é
como a boca que não sabe sorrir...

No século XVII, o de Racine e das pálidas amorosas, Françoise de Grignan, bonita, rica, feliz, e em tudo amada pela sorte, exclamava: — *Qu'elle passe donc cette vie, tant qu'elle voudra...* — ao que Madeleine de Lafayette, doente, muitas vezes ferida nas suas afeições, respondia: — *Il n'est que de vivre...*

E de então para cá, as coisas não mudaram. São sempre os mais felizes que sentem o descontentamento, o desapêgo da vida, e aqueles para quem ela foi avara dos seus dons, dos seus tesouros, que melhor lhe percebem o valor...

A moda é a única escravidão a que se submetem as mulheres. Dela tudo aceitam, desde as deliciosas e certamente bem incômodas *crinolines* do Segundo Império, até as incríveis sáias travadinhas, causadoras de tantos desastres, desde o chapéu de copa alta que, em Lisboa, atingiu pouco mais ou menos as dimensões de uma torre, até o minúsculo prato, milagrosamente equilibrado sobre os inúmeros caracóis... sempre côr de cenoura, os das senhoras velhas, — mas, valha-me Deus, elas não querem que lhes chamem velhas... Nesse caso, idosas. Também não gostam de idosas... Então, maduras. Ainda acham duro de roer... Digamos, pois: as senhoras que passaram... —oh! ligeiramente! — da primeira juventude... *Cela va?* Tanto melhor.

Voltemos aos chapéus... E àqueles de que os penachos, os *couteaux* agressi-

vos, põem em perigo iminente os olhos alheios. Modistas e costureiras mandam, nós obedecemos, sem uma palavra, um gesto de revolta! Como diz André Maurois, só a moda salvou a disciplina.

Através do tempo e da história, a pequena história de Portugal e da França, única que conheço um bocadinho... Oh! nada por aí além! E só a partir do século XVI — o lindo século dos Valois. — Torneios. Côrtes de amor. Crimes e elegância. Maria Stuart, no seu luto branco de viúva. *Triste marchiez par les longues allées...* — Os folhos altos, engomados, da *ce-ri-se*, emolduram o rosto picante da Rainha Margot, que esteve vai não vai a ser Rainha de Portugal. (Do que nos livrámos!).

Século XVII. Grandes medidas e grandes paixões. O vestido oiro sôbre oiro, da Montespan... Luxo excessivo e — oh! reverso da medalha! — excessiva porcaria. Ninguém queira averiguar a que cheiravam os corredores de Versailles. Portugal, que escapou aos

distúrbios de Margarida de Valois, recebe das mãos do Rei Sol, o presente da Sr.^a D. Maria Francisca de Nemours, princesa de pouco saudável memória... — Seja tudo pelo amor de Deus... —

Século XVIII. Graça dos *paniers*, soberania do espírito. Do seu *tonneau*, Madame du Deffand ensina a arte de conversar. Nada se toma a sério. Até para a guilhotina, leva-se o cabelo empoado, olhos e bôca a sorrir... Nos jardins de Queluz, entre os alegretes de cravos, as açafatas da Rainha Carlota Joaquina cantam o *Lundun*: — Loiro peralta adamado...

Século XIX. A saúde está absolutamente fora de moda. À semelhança da Dama das Camélias — pobre Alphonsine Plessis, tão espantada de ver-se em tamanha festa! — tôdas as mulheres

tossem ou... puxam pela tosse. É o reinado da palidez, das fundas olheiras, das mãos febris. O próprio sexo forte não se exime à fragilidade de bom tom. Sobretudo, apaixonado que se preze, deve sofrer dos pulmões. Alexandre Dumas, forte como um toiro, escreve a Mélanie Waldor: — Tranqüiliza-te, minha querida, há já bastantes dias não tenho himoptises. — Em Portugal vai-se mais longe ainda. Nós nunca estamos com meias medidas! Precisamos dos «dois esqueletos um ao outro unido...». *O Noivado do Sepulcro* faz furor... Qual o namorado que o não sabe de cor, não estremece de volúpia, ao recitá-lo?

Século XX. O mesmo em tôda a parte. O mundo torna-se desoladoramente igual. Automóvel, telefonia, *jazz-band*, dansas pretas, barulho, pressa,

Hitler, brutalidades. Nas salas, suprimem-se os *bibelots* e nas almas, o sentimentalismo, a poesia. O pudor não se usa. O amor... onde vai êle! E mesmo o *flirt*, essa bagatela gentil, é só para quando não há mais que fazer. Como os homens, as mulheres fumam, adoram o *cocktail*, sabem guiar um automóvel, são pilotos de avião e, para melhor servirem na guerra, acabam de adoptar o uso... definitivo, das calças.

Época interessantíssima! — oiço exclamar a cada instante. E deve ser — oh! é com certeza! — defeito meu, se preferia ter nascido, com o *doce Llundun*, chorado, em *bandolim marchetado* ou, para ficar mais longe ainda, no tempo da *cerise engomada*, o da Rainha Margot...

Para mim, a idéia dos santos anda sempre ligada à das flores.

Santa Teresa de Ávila — Teresa, a grande — evoca-me um cravo, doirado pelo sol de Espanha, enquanto, na sua graça fresca, menineira, a outra Carmelita, Teresinha de Lisieux, lembra-me as rosinhas de tocar que enfeitam as sebes; nos lírios brancos, heráldicos, erguendo direitos ao céu, as hastes frágeis, eu julgo ver Catarina, a virgem de Sienna; e os *martírios* vermelhos, que os inglêses chamam flor da paixão, parecem-me o reflexo de Margarida Maria, a devota ardente do Coração de Jesus... Ponho sempre, nas mãos puras de S. José, braçados de açucenas e entre os braços de João Baptista, êsse outro símbolo, tão ingénuo, delicado, que o confundo à flor: um cordeirinho manso...

Que contraste, que abismo, entre as casas do tempo da minha infância ou da minha mocidade — quasi tão distantes, tão inverosímeis uma como a outra — e o que actualmente se chama casa!

Sentia-se o calor das presenças queridas, presença dos vivos e a outra, ainda mais sensível talvez, a da saúde, presença dos mortos. Não havia, entre os novos e os velhos, a separação que hoje ninguém ousa transpor. Todos os corações estavam perto, gozavam juntos as suaves alegrias e tinham menos pressa de sacudir os desgostos, as tristezas... Os móveis eram quasi como pessoas, em que os caprichos da moda não ousavam tocar. E nos mesmos caixilhos, desbotavam os retratos de, muitas vezes, vagos, desconhecidos parentes. Porque já ali estavam quando os outros chegaram, deixavam-se ficar...

À noite, em volta de uma mesa redonda, sob a luz suave de um candieiro de petróleo, trabalhava-se serenamente.

Hoje, em obediência à elegância, sobre as pequenas, inconfortáveis mesas, não há um retrato. É coisa que deixou de usar-se. Faz-se uma fogueira em que ardem, juntamente com os velhos, ingénuos caixilhos, os vagos, desconhecidos parentes. Da família, só se admitem quadros a óleo, que evocam antepassados, nobreza. Esses estão sempre excessivamente à moda e, quem os não tem, compra-os em qualquer *ferro-velho*... O efeito é o mesmo. Juntamente com o suave candieiro de petróleo, a mesa redonda foi para o sótão. Quem faz agora serão? De vez em quando, a sala, tão impessoal como o resto, abre as suas portas a uma partida de jôgo, ou a uma *matinée*. Os convidados olham apenas para as cartas e para as *toilet-*

tes. Ninguém se instala, ninguém se demora, com prazer e confôrto.

Velhos e novos passam o dia na rua. Fazem compras, vão ao Instituto de Beleza, ao *Club*, ao *Golf*, à costureira, ao cinema, só voltam para dormir e algumas vezes também para... morrer, porque é coisa que ainda se não adoptou o hábito e tomou o gôsto, de fazer fora de casa...

O progresso aboliu a escravatura, mas para ti, pobre *snob*, oh! pior dos escravos, ainda não chegou, não chegará decerto, o dia da libertação. Nunca ousarás pensar pela tua cabeça, ter um gesto, uma idéia, uma iniciativa que te pertençam. Tudo o que fizeres e disseres será a cópia, mais ou menos exacta, do que faz e diz a gente que julgas elegante. Procurarás averiguar o nome do alfaiate ou costureira — refiro-me aos *snobs* de ambos os sexos—que a veste e, por muito ruínosos que sejam os preços, encomendar-lhe-ás todo o teu fato. O mesmo no que diz respeito ao sapateiro, ainda que te aperte os pés até o martírio: — É assim que usa o Sr. Marques... — É o que recomenda, para o calçado não se deformar, a Sr.^a Viscondessa... — à modista, ao chapeleiro, ao médico... — Sem dúvida, o Doutor X

tem competência, mas o Doutor Z é muito mais *chic*!

Por ventura, nasceste sincero. Contudo o snobismo condena-te a uma eterna mentira. Deves mostrar-te encantado pelo livro de que nem uma fôlha abriste, falar de músicos, que sempre te foram incompreensíveis, com os olhos em alvo, a bôca em ponto de exclamação: Oh! Wagner! oh! Bravel — declarar-te íntimo de pessoas que não conheces, freqüentador assíduo de casas onde nunca entraste... E não têm conta os teus sacrifícios, os teus sustos!

Quantas humilhações, quantas sabujices, para conseguires que um... tal, te estendá as pontas dos dedos! Quantos pretextos, subterfúgios e transes mortais, para escapares à companhia do parente, considerado... gebo, que teima em descer contigo o Chiado!

Bem entendido, eu menciono apenas

os sintomas mais flagrantes desta horrível... doença.

Outros existem, porém, escondidos ou que julgamos escondidos, no segrêdo dos corações e, quer tu queiras, quer... *eu* queira, quer não, todos somos escravos, *snobs*, de alguma coisa, de alguém...

Simplicidade: a mais difícil e mais rara de tôdas as elegâncias.

História já mil vezes contada...

Era na mocidade, quando reina a ventura. Os dias sorriam côr de oiro. Rescendiam flores. Cantavam pássaros e ilusões. O mundo abria-me as suas enganadoras portas. Embriagava-me o sucesso, êsse sonho vão.

— Como partilho a tua alegria, rio de ver-te rir! — disseste-me.

Ligeiramente inquieta — em todos os dias da terra, andam pressentimentos no ar — perguntei: — Se alguma vez a infelicidade vier?

— Não ficarás só. Da mesma maneira estarei contigo, — prometeste solenemente. Eu acreditei em ti.

Mas passou breve o doirado tempo. Esfolhou-se a mocidade — flor mais do que tôdas frágil. Emudeceram os pássaros. Morreram as ilusões. E nas sombras negras que desciam do céu, eu chorei... Logo o mundo me fechou as enga-

nadoras portas. A sua frívola gente não mais reparou em mim.

Procurei-te então. Quis refugiar entre as tuas, as minhas trémulas mãos. Porém, semelhante aos gorgeios quando se aproxima o inverno, calaram-se as tuas promessas: como para os outros, eu morri para ti...

Subíamos sem pressa, a rua elegante. Enquanto, junto à *vitrine* de um ourives, tu paraste para mostrar-me o colar de pérolas que tencionas comprar, uma pobre mulher estendeu-me a mão, implorando a esmola, que não ousei recusar-lhe. Tanto bastou, para que me atribuísses tôdas as culpas dos males que assolam o triste mundo: Animo a mendicidade — vergonha de uma terra civilizada! — a astúcia, a intrujice desta gente que, na maioria, pede sem necessitar... — Todos os dias se descobrem mendigos muito mais ricos do que tu e eu... — É a preguiça... Se fizessem alguma coisa, tinham de comer...

Ainda me atrevi a lembrar-te quantas vezes o trabalho falta... Respondeste, num crescendo de indignação: — Eles é que a nada se sujeitam...

E preguiça para cá, trabalho para lá, tanto prêgaste, barafustaste que, no

meu amor da coerência, estive vai não
vai a desejar-te os... trabalhos força-
dos, como incentivo e lição...

Ouvindo-te repreender com as mais implacáveis, furiosas palavras, uma pobre criada que, por estar doente, se esquecera de preparar o teu vestido, ousei dizer-te: — Sê um pouco mais humana. Repara na sua expressão de sofrimento.

Respondeste desdenhosamente:—Sofrimento! Como se esta gente tivesse a nossa sensibilidade, pudesse sentir o que nós sentimos!

E enquanto uma lágrima rolava pela face macerada, prendeste ao decote uma rosa. Evoquei então, com um bocadinho de alívio, confesso, o dia da grande justiça, em que no fundo escuro da cova, tu serás igual a... esta gente.

Todos os dias, com indiferença ou vaga pena, dizes de alguém: — Morreu.

E um dia há-de vir em que, com a mesma indiferença ou vaga pena, de ti alguém dirá também: — Morreu.

Breve palavra que resume o destino breve de cada um de nós.

Passaste horas a descrever-me os vestidos que já fizeste e hás-de fazer... Precisas de tantos! Para a práia, de manhã... — oh! com êsse não gastarás muito tecido! — E depois o do almoço, o do chá, o do *cocktail*, aquêlê que porás à noite para dansar... Todos duram tão pouco! A cada instante deves transformá-los. A moda varia a correr!

Mas esqueceste o vestido, que por nenhum outro trocarás, para sempre unido ao teu corpo, imutável no seu feitio: a mortalha com que te hão-de enter-
rar...

· Tanto orgulho em seres bonita, tanto
desprêzo por quem o não é, e bastará
que passem alguns anos, para que ne-
nhuma diferença exista entre as cinzas
da sua fealdade e as da tua beleza...

Não suportas ruído algum. Até o som de uma palavra te faz mal. Queres que te diga onde podes encontrar silêncio, quietação.

Procura-os na paz do cemitério. Os mortos não sonham, dormem calados. E fala baixinho a voz do vento, na rama-gem dos ciprestes. Mas, bem entendido, evita os dias de enterros ilustres, porque a fúria dos discursos, nem ante os túmulos esmorece...

Tens vinte anos. O destino, tão cruel para alguns, semeia de flores o teu caminho. Mas só vives de projectos, de sonhos. O presente não te interessa. Pelo que há-de ser, desdenhas o que é.

Em vão eu te digo: — Estamos na primavera. Rescendem as madresilvas. As asas transparentes das borboletas confundem-se às pétalas claras das rosas. De noite, enquanto gorgeia o rouxinol, a lua espalha sôbre o campo, as pérólas do seu colar... Não feches os olhos a tanta beleza. Repara que encanto há em tudo que te rodeia: Sente a doçura desta hora... — Tu respondes: — Amanhã. Amanhã...

Digo-te ainda: — És bonita, rica. Nenhum dia passa sem que vejas realizado um desejo, um capricho... — Como se não me ouvisses, voltas a exclamar: — Amanhã... Amanhã... E oh! impru-



dente! Oh, perdulária, amanhã terás
morrido...

Falei-te da morte. Evoquei-a em todo o seu horror. Porém, nada acredites do que eu disse. Sôbre a terra e para lá dos túmulos, só a vida existe.

Monte. — Outono de 1939.



ÊSTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO, EM
NOVEMBRO DE 1941, PELA TIPOGRAFIA
SILVAS, LTD. — RUA D. PEDRO V, 120
————— LISBOA —————

1941

E
34